

islenha

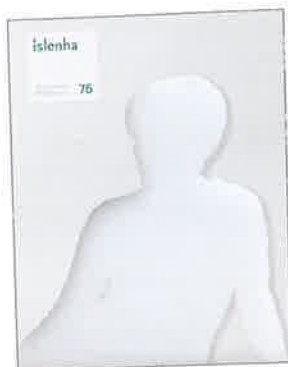
2024 | JULHO | DEZEMBRO
SEMESTRAL - PVP 015
DIRETORA INTERINA: RITA RODRIGUES

75



ÍNDICE

- 6** MUDAS Museu de Arte Contemporânea da Madeira
Como uma ilha sobre o mar: Lourdes Castro
Itinerância Nacional
- 10** Emanuel Gaspar e Victor Mestre
A casa-tela Lourdes Castro: um "auto-retrato"
Contexto de um tempo prolongado, Portugal uma ilha no universo europeu
- 18** Ana Isabel Moniz
"Porto Santo era a minha segunda pele" – Os Profetas, de Alice Vieira
- 24** Paulo Ladeira
Pinturas de Nicholas Chevalier nas oito viagens à Madeira (1887-1896)
- 44** Rui Carito
A circulação do mobiliário de vime madeirense
- 56** Paulo Estrelheiro
Seis Séculos de Música na Madeira:
Influências Culturais, Períodos, Músicos, Composições e Espaços de Atuação
- 96** Cristina Trindade
Sociedade, crime e castigo na imprensa madeirense (1823-1828) – Parte I
A ligação entre crime e imprensa – brevíssima abordagem
- 110** Naídea Nunes Nunes e Luísa Couvelo
Património Enogastronómico, Turismo e Sustentabilidade:
Tradições Agrícolas e Culinárias da Madeira (Santo António – Funchal – e São Jorge – Santana)
- 140** Alessio Lacché e Helena Rebelo
Balamento/ Balamente/ Belamento/ Belamente: Reza!
Achegas para compreender a tradição de um jogo com variação linguística
- 154** Maria da Paz Camacho
Postos e Regentes Escolares
Contributos para a História da sua Participação no Sistema de Ensino Primário Português



CAPA
Cast shadow
(Christa Maar), 1968
Pintura glicerofática
sobre plexiglas
Coleção do MUDAS
Museu de Arte
Contemporânea da Madeira
Proveniência:
Col. Maria Eugénia
e Francisco Garcia
Lourdes Castro
(1930-2022)
Créditos fotográficos:
Gregório Cunha

O conteúdo dos artigos é da
exclusiva responsabilidade
dos seus autores.

PROPRIEDADE E ADMINISTRAÇÃO
Governo Regional da Madeira
Secretaria Regional de Economia,
Turismo e Cultura
Direção Regional da Cultura

EDIÇÃO (DIREÇÃO E REDAÇÃO)
Direção Regional da Cultura
Rua dos Ferreiros, 165
9004-520 Funchal

CONSELHO EDITORIAL
Élia de Sousa, Rita Rodrigues

CONTACTOS
Telf. 291 145 330
islenha.revista@madeira.gov.pt

DIREÇÃO INTERINA
Rita Rodrigues

DESIGN
Jorge Abreu

PAGINAÇÃO
Jorge Abreu

TIRAGEM
1000 exemplares

PREÇO
PVP: €15,00

**ESTATUTO EDITORIAL,
NORMAS DE COLABORAÇÃO
E FICHA DE ASSINATURA**
[https://cultura.madeira.gov.pt/
revista-islenha](https://cultura.madeira.gov.pt/revista-islenha)

Registo na ERC: 127748
ISSN: 0872-5004
Depósito Legal: 16 825/87
NPC: 671 000 527

EXECUÇÃO GRÁFICA
Lauresgráfica
Rua João Camilo Alves, 6-A
2670-661 Bucelas
Telf. 219 687 510
www.lauresgrafica.pt

Reservados todos os direitos
segundo a legislação em vigor.



Balamento/ Balamente/ Belamento/ Belamente: Reza!

Alessio Lacché e Helena Rebelo

ILHA DA MADEIRA
JOGOS TRADICIONAIS
LINGUÍSTICO
PATRIMÓNIO
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O Património Linguístico manifesta-se em várias realidades numa comunidade de falantes. Os nomes dos jogos tradicionais, por exemplo, revelam constituir formas patrimoniais que, cultural e linguisticamente, se vão perpetuando porque são transmitidas de geração em geração, sofrendo variações pelo uso, que resultam em formas recriadas e modificadas. Procura-se, neste estudo, através de uma pequena amostra, compreender a tradição do jogo “Balamento” (Balamente/ Belamento/ Belamente), ainda hoje presente na comunidade arquipelágica madeirense, identificado em Portugal continental como “Reza”.

Achegas para compreender a tradição de um jogo com variação linguística

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Ao celebrar os 500 anos do nascimento de Luís Vaz de Camões, momento estimado em 1524, quem não lembrará o seu célebre poema sobre a mudança e a passagem do tempo? Parafraseando, os versos remetem para algo como: *Mudam-se os tempos. Mudam-se as vontades. Tudo é composto de mudança*. Ora, quando se trabalha na área do Património, especificamente do Património Linguístico (cf. Rebelo, 2016, para uma definição de “património linguístico”), à procura de vestígios passados, na fase presente de uma língua, torna-se evidente que a mudança e a variação aparecerão. Nas tradições, nos usos e costumes, isso é inquestionável. O

mundo do século XXI é completamente diferente do do século XVI. A vida acelerada de hoje, com as novas tecnologias e os consumos de energia elevados, tornou o ser humano dependente de muitos instrumentos, como o telemóvel, incluindo para se divertir, recorrendo a jogos em formato digital. As chamadas “playstation” vieram alterar toda a dinâmica dos jogos e, sobretudo, dos jogos tradicionais. Estes são sustentáveis pela sua simplicidade, não exigindo praticamente nenhum recurso. Não precisam de outros meios que não a vontade individual para jogar. Toda esta vertente tem sido alterada em função das comunidades e dos grupos. Os jogos, enquanto tradições de um passado remoto



e elementos de um património cultural, estão a passar por alterações significativas, sendo alguns deles parcialmente recriados. Alguns poderão mesmo desaparecer, se não forem transmitidos às novas gerações. Neste ponto, o ensino poderá funcionar como um garante da conservação patrimonial (cf. Dias & Mendes, 2010). Em Cabo Verde, no Planalto da cidade da Praia, na ilha de Santiago, à sombra, há quem jogue xadrez e damas. Na cidade do Funchal, no jardim do Campo da Barca, ainda se encontram homens que se juntam à volta de uma mesa para jogar às cartas. As idades dos jogadores revelam que estas tradições patrimoniais culturais do passado poderão, a médio ou longo prazo, desaparecer.

A UNESCO (cf. Convenção de 2003, Artigo 2.º, ponto 1), para a definição de “Património Cultural Imaterial” (PCI), considera que a “recriação” é parte do processo de preservação, afirmando que “Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interacção com a natureza e da sua história”. Explica, a propósito: vai “incutindo-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a

promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana”, o que Hélder Pacheco, em *Rostos de Gente*, demonstra na perfeição, ao desenvolver reflexão sobre a definição de “património” e “património cultural”. Especifica o autor, nessa obra, que o património de uma comunidade se encontra nos pormenores mais singelos desde as canções de embalar aos edifícios antigos. Neste sentido, um jogo tradicional pode revestir-se de particularidades identitárias únicas. Mesmo considerando que têm “perdido força, expressão e notoriedade ao longo dos tempos”, Dias & Mendes (2010) concluem que os jogos tradicionais “Fazem parte do nosso legado cultural e representam um património vivo”. É a ligação ao património, o que se procura demonstrar com um jogo manifestamente linguístico, como o que motiva o presente estudo. A relação entre as tradições e as particularidades linguísticas de uma comunidade regional ou local é especificada no *Blogue Rabo de Gato* de Lília Mata, com expressões a merecerem reflexão. O jogo do Balamento/ Balamente/ Belamento/ Belamente é um caso particular de Património Linguístico. A fim de o compreender e caracterizar, dá-se conta de uma pesquisa com um levantamento qualitativo e quantitativo.

Muitas são as perguntas para compreender e caracterizar um jogo tradicional. Equacionam-se algumas, entre outras que suscitam interesse. Como nasceu o jogo? Quando apareceu? Onde foi/ é jogado? Será conhecido no mundo inteiro, havendo variantes? Como é identificado o jogo tradicional, em comunidades locais ou regionais? Por que nome é mais conhecido? Como terá surgido o jogo? Quantos jogadores pode ter? Quais são as suas regras? Que propósito tem? Comporta algum prémio, para quem ganha, ou algum castigo para quem perde? A fim de responder a uma parte das interrogações para o jogo tradicional em estudo, foi aplicado um curto questionário a um número limitado de pessoas que se disponibilizaram para responder às perguntas colocadas. A análise e a quantificação das respostas obtidas são o centro deste estudo.

1. CARACTERIZAÇÃO DO JOGO

O presente trabalho tem por finalidade contribuir para a caracterização e o registo, tanto na Região Autónoma da Madeira como noutros locais que possam albergar a tradição, do jogo popular identificado por algumas pessoas como *balamento*, tendo, no entanto, variantes. Tal propósito



1E2. *Jogo do Balamento*. Criado por Madeirense Puro® para ajudar a preservar esta tradição. www.madeirensepuro.com

é motivado pela necessidade de produzir uma referência escrita de uma tradição linguística que, enquanto apenas parte da esfera oral do património sócio-cultural, está sujeita a processos de alteração – como o testemunha a grande variedade de nomes bem como de considerações da descrição do jogo – podendo provocar uma possível perda. O *balamento* - também referido como *belamento* (ex.: Rocha, 2018), *belamente* (ex.: Marote, 2022) e *balamente* (ex.: Somos Madeira, s.d.) – é um jogo tradicional com vitalidade na Região Autónoma da Madeira. Há, claramente, uma divergência fonética que se repercute na grafia. Os fenómenos fonéticos dão-se em dois elementos vocálicos em segmentos que ocupam posições extremas no vocábulo, mas a tendência é a mesma porque leva à articulação de uma vogal representada na escrita como <e>: na vogal da sílaba inicial (“ba-”/ “be-”) e na sílaba final (“-to”/ “-te”). O vocalismo átono é mais sujeito a alterações do que o tónico. Nestes casos, por motivo de sotaque ou pronúncia, a alteração vocálica conduz a uma redução com simplificação articulatória que origina vogal com o mesmo timbre: (a>e / o>e). Apesar da variação linguística, o jogo é identificado como sendo o mesmo pela população, inclusive com variação em algumas particularidades.

Como se caracteriza? É um jogo que implica a palavra, sendo unicamente linguístico, já que não usa qualquer equipamento. Geralmente, envolve duas pessoas e ocorre uma vez por ano, nos dias anteriores à Páscoa. O princípio básico da brincadeira é cumprimentar – saudando de surpresa – o adversário primeiro, com a palavra que dá nome ao jogo. As implicações sociais daí resultantes acabam, muitas vezes, por transfigurar os padrões relacionais e os hábitos quotidianos dos jogadores, procurando estas estratégias para apanhar o oponente desprevenido (Baptista, 2024; Marote, 2022). Quem conseguir “dar o balamento” ganha um ponto de cada vez (Terra-Boa, s.d.).

As versões do jogo, no entanto, são várias. Enquanto algumas fontes referem que a palavra pode ser dita uma vez por dia e não mais, com uma pontuação máxima de dez pontos (Terra-Boa, s.d.), noutros casos, chega-se a jogar duas ou três vezes por dia – de manhã, à tarde e à noite – podendo marcar até vinte pontos (Marote, 2022). Outras referências especificam que o local e a hora do encontro têm de ser previamente acordados (Casa do Povo da Calheta, 2012; Dicionário Priberam, s.d.; Marote, 2022). A duração do jogo também não é clara, mas coincide, no geral, com os dez dias que precedem a Sexta-Feira

Santa (Terra-Boa, s.d.), dia em que, em caso de empate, deve ser disputado o último duelo (Marote, 2022; Terra-Boa, s.d.). O vencido, no final, deve oferecer ao ganhador o prémio acordado. Tradicionalmente, trata-se de doces típicos da Páscoa: amêndoas confeitadas, torrões de açúcar (na Madeira), frutos secos ou chocolates (Baptista, 2024; Dicionário Priberam, s.d.; Marote, 2022; Terra-Boa, s.d.), mas também são referidos tremoços (Casa do Povo da Calheta, 2012). Como as variantes do jogo são diferentes, as opiniões sobre a sua origem também são divergentes. Camões tinha e continua a ter razão: tudo é feito de mudança!

As comunidades madeirenses, de facto, não são as únicas a acolher a tradição, que parece ter um passado consistente e popular também no Arquipélago dos Açores. Algumas fontes, no entanto, referem a possibilidade de o jogo ter tido origem no Brasil e só mais tarde ter chegado às ilhas portuguesas (Marote, 2022). Por regra, o percurso é inverso, seguindo da Europa, passando pelas ilhas, até à América. Isso é evidente, por exemplo, em usos linguísticos presente nas ilhas atlânticas, nomeadamente na Região Autónoma da Madeira, que se reencontram no Brasil: como no uso do gerúndio (ex.: “ela está estudando e ouvindo rádio”),

em construções com o pronome pessoal de terceira pessoa antes de preposição (ex.: “O pai disse a ela para sair”) ou o uso de “ter” em vez de “haver” (ex.: “tem muitos carros na rua”). As influências brasileiras, segundo alguns autores, também explicam a origem do termo *balamento*. Na opinião do historiador Alberto Vieira, a palavra refere-se à tarefa de fazer *balas* – vocábulo pelo qual os rebuçados são designados no Brasil. É de lembrar que compete, de facto, a quem perder o jogo a tarefa de oferecer doces, incluindo rebuçados, a quem ganhou (Terra-Boa, s.d.). No entanto, hoje parece não haver qualquer vestígio da tradição no Brasil, onde o termo *balamento* existe, mas está associado ao “estilo de poesia popular cantada com a música da dança do coco” (Meu Dicionário.Org, s.d.; Porto Editora, s.d.). Os que se referem à brincadeira como *belamente*, entretanto, têm outra explicação para a génese do termo. A combinação das palavras *bela* e *mente* – para elogiar as capacidades mentais do vencedor – teria originado o termo *belamente*, que, em alguns casos, se terá tornado *balamento* devido ao sotaque madeirense (Marote, 2022). Ricardo França Jardim assinala duas formas (*belamento* e *balamento*). Na crónica “Falares Ilhéus” (1996, 24), marca uma posição relativamente ao modo de falar regional e, na crónica “Balamento” (10-12), explica o jogo identificando-o como *balamento* (10-11), mas usando *belamente* (cf. Rebelo, 2017), evidenciando que a palavra é usada, mesmo se não figura em dicionários:

Ou belamento, não sei. Não encontro esta palavra nos dicionários. Contudo, ela existe. Ou existiu. No antigamente estava ligada à Páscoa. (...)

A Páscoa, auto da Primavera, anunciava-se pela abstinência da Quaresma, culminando no jejum de Sexta-Feira Santa. (...)

Sabores pascais? Amêndoas. E aqui retomo [sic: retorno?] ao belamento. Era uma espécie de jogo das escondidas, praticado nas últimas semanas da Quaresma. Pelas manhãs, ou à hora do almoço, cada jogador procurava emboscar-se, para surpreender o adversário

desprevenido. E mal avistasse o outro, descobria-se, gritando: “Balamento!”. No final, o vencido pagava um prémio, na forma de torrões de amêndoa com açúcar, à venda, por esta época, em todas as confeitarias do Funchal.

A variabilidade interna que descreve a tradição lúdica acima referida sugere a hipótese de o jogo ter tido um desenvolvimento de tipo multi-contextual. É provável – como muitas vezes acontece (cf. Maria da Graça Sousa Guedes, 1984) – que, ao movimentar-se por longo e vasto horizonte espaço-temporal, uma tradição acabe por se moldar aos diferentes condicionalismos territoriais das comunidades. A UNESCO referiu que o PCI é recriado e isso faz com que se altere, embora conserve uma estrutura comum.

2. PESQUISA

No intuito de compreender mais em pormenor a tradição do *balamento* (a opção por esta forma deve-se ao facto de ser predominante), impôs-se uma investigação. Recorreu-se a uma fase de pesquisa para levantamento bibliográfico e de fontes, o que permitiu, nomeadamente, recolher a informação já referida na caracterização do jogo tradicional. A revisão da informação disponível ocorreu, sobretudo, através de recursos digitais – procurando na Internet dados por meio de palavras-chave. Teve também a recolha de informações através de materiais analógicos, consultando livros potencialmente relacionados com o tema. Em ambos os casos, os dados encontrados foram poucos e muitas vezes discordantes, como comprovado pelos pormenores já sistematizados. Poderá haver mais informação, mas, de momento, apenas se menciona a que foi possível localizar, ficando, como em qualquer investigação, ainda muito em aberto.

No caso do suporte digital, a maioria da informação encontra-se divulgada em artigos informais, como os citados anteriormente. Em grande parte das vezes, são memórias que as pessoas partilham em *blogues* pessoais – não tendo sido

encontrados estudos estruturados que investiguem a presente tradição, através da lente das Humanidades ou das Ciências Sociais. Destas fontes, pode destacar-se uma espécie de retórica nostálgica – bastante recorrente (Marote, 2022; Martin Santos, 2022; Rocha, 2018; Terra-Boa, s.d.) – que, consciente ou inconscientemente, enfatiza, a vários níveis, uma crise da tradição, mostrando preocupação com o destino incerto do jogo e do esquema de valores que a população lhe associa. Vários dicionários *online* foram também consultados, já que são os que registam o vocábulo. Ricardo França Jardim bem referia que a palavra não figurava nos dicionários (impressos).

Entre as consultas realizadas, e as entradas úteis encontradas, salienta-se a associação dos termos portugueses *balamento* e *balido*, feita por um antigo dicionário do século XIX – o *Novo dicionário Portuguez-Alemão e Alemão-Portuguez* – ao traduzir a palavra alemã *plärren* [ver Anexo 1.]. Evidentemente, a sinonímia traçada pelo autor atribuiria, neste caso, ao termo *balamento* uma acepção do verbo *balir*, bem como de *choramingar* ou *berrar* (Langenscheidt, s.d.), observando os significados dos termos *balido* e *plärren*. Tal associação, de facto, poderia espelhar a conotação sonora – de berros e gritarias – característica do jogo aqui em análise e designado em território madeirense por *balamento*, ou variantes. Como não se encontra outra sinonímia do género, um maior esforço investigativo seria necessário para validar ou rejeitar esta fonte citada, que não se refere explicitamente ao jogo, mas ao vocábulo que o denomina.

No que respeita aos suportes físicos consultados, traços do jogo tradicional foram procurados com sucesso em alguns e sem sucesso noutros. Em diversos textos dedicados ao assunto dos jogos, como *Estudos e Investigação: Jogos Tradicionais Portugueses*, obra de Maria da Graça Sousa Guedes de 1984, ou no seu trabalho de 1960, não se registou qualquer menção ao jogo aqui em análise. Nas obras de listagens de vocabulário, a nível regional, ocorre, por exemplo, em Barcelos (2008), sendo nomeado e definido como

“**balamento** *n.m.* nome que antigamente se dava a um pacote de amêndoas, figos passados ou torrões de açúcar, pagos por aquele que perdia no Jogo do Balamento (de *bala* + *-mento*). Ver tb. *Jogo do Belamente*.” Porém, não se assinalou no vocabulário publicado em 1950, por Fernando Augusto da Silva, nem no realizado em 1961, por Abel Marques Caldeira, intitulado *Falares da Ilha: Pequeno Dicionário da Linguagem Popular Madeirense*. Aliás, em “Do Mirandês ao Madeirense: A Génese das Escritas Fonéticas” (Rebelo, 2017), onde surge no levantamento realizado como “balamento”, se comprovou que Fernando Augusto da Silva e Abel Marques Silva não o tinham assinalado como entrada, vindo, porém, na listagem de 1939 da autoria de Deolinda Bela de Macedo “(DBM: cf. “BELAMENTE (jogo do) – jogo que se pratica com muita frequência durante a quaresma. Sobre este termo [sic] é útil ver António Pestana R. L. Port. V, VII, 245.”) e na obra de Luís de Sousa (1950): “(LS: X, “Belamento – Jogo que se pratica durante a quaresma e termina ao sábado de aleluia, tendo como prémio qualquer das guloseimas da Páscoa. Os contendores, em número de dois, são, geralmente, namorados, mulheres ou crianças.”)”. Podendo considerar-se arcaísmos e regionalismos, consultaram-se duas referências importantes para a língua portuguesa, que são as obras de Rosa de Viterbo, do século XVIII, e de Leite de Vasconcelos, do século XIX, comprovando-se que nenhum deles atestou o jogo pelos nomes referidos no presente estudo.

Face a esta falta de dados e à parcialidade de informação, este trabalho visou ampliar o material para subsidiar o tema. Haverá, decerto, mais referências bibliográficas relativas aos jogos, aos jogos tradicionais e especificamente sobre o *balamento*, e suas variantes, mas, de momento, apresentou-se o que se conseguiu recolher. Pretendia-se sistematizar a informação dispersa e estudar o assunto. Para tal, um levantamento qualitativo, seguido de uma abordagem quantitativa, foi realizado por meio de questionário anónimo². Apresentam-se os resultados em gráficos para facilitar a leitura dos dados recolhidos.

3. O LEVANTAMENTO QUALITATIVO/ QUANTITATIVO

O questionário foi estruturado em várias perguntas cuja finalidade principal era a de fornecer dados que permitissem esboçar dados mais concretos do que opiniões individuais de autores. Reagruparam-se respostas, o que dá uma panorâmica geral sobre o jogo. Embora a amostra seja limitada e não seja suficientemente grande, obteve-se um total de trinta e cinco respostas. Este número de pessoas disponibilizou-se para responder ao questionário e é pela sua consulta que se chega a um levantamento quantitativo e qualitativo de dados. Esta amostra apresenta uma conjugação de dados aglutinadores e permite atribuir-lhes alguma validade. Apresentam-se os resultados quantificados para cinco questões básicas desta pesquisa:

- d) Hoje em dia, o jogo do *balamento* e suas variantes é conhecido e jogado onde?
- e) Qual é o termo pelo qual o jogo é mais conhecido?
- f) Sabe qual é a origem do termo que dá nome ao jogo?
- g) Onde teve origem o jogo do *balamento*?
- h) O jogo do *balamento* e suas variantes são habituais hoje em dia?

A amostra constituída por trinta e cinco pessoas obteve-se por meio de contactos estabelecidos. foi possível através da distinção de local de nascimento, idade e sexo dos informantes, para poder discernir eventuais tendências relacionais entre respostas e dados pessoais. Os dados relativos à origem dos participantes foram anotados mantendo o seu anonimato, para proteger as pessoas que responderam aos questionários. Abaixo, em gráficos, quantificam-se os resultados obtidos.

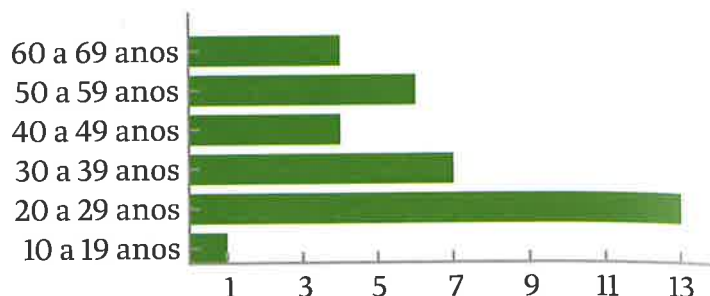
Pelo que respeita a origem da amostra consultada, optou-se por não restringir o campo apenas aos madeirenses. Consoante o pretendido pela pesquisa, de facto, almejava-se incluir pessoas de fora da Região Autónoma da Madeira (RAM). Isso era importante para poder contextualizar geograficamente a tradição em questão. No mundo, muitas vezes, os

NOTAS

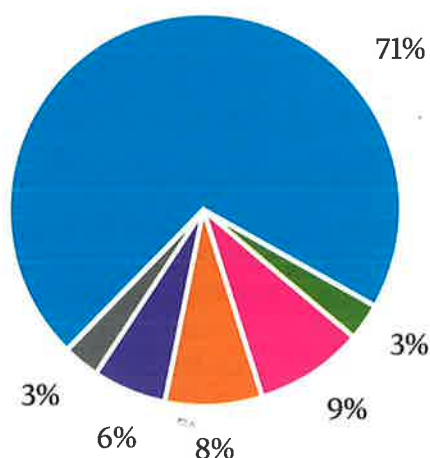
1. Este texto apresenta uma reformulação de um pequeno trabalho de investigação realizado, entre Abril e Junho, no âmbito da unidade curricular de Património Linguístico (na edição do ano de 2023-2024) do Mestrado em Estudos Regionais do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, com o Erasmus Mundus Joint Master on Climate Change and Diversity: Sustainable Territorial Development (CCD-STeDe), sob a coordenação geral da Universidade de Pádua, Itália.

1. Local de nascimento dos informantes.
 2. Faixas etárias dos informantes.
 3. Sexo dos informantes.
 1 A 10. Fonte: Alessio Laché

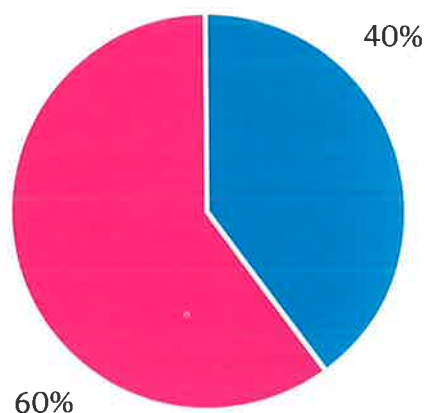
Idade



Local de nascimento



Sexo



jogos tradicionais têm, no geral, nomes e regras comuns, partilhando a mesma origem antiga (Guedes, 1965 e 1984), razão pela qual confinar uma dada tradição lúdica a um local específico pode revelar-se um pressuposto errado. Neste sentido, embora com resultados limitados, foram questionados participantes de todo o território português – Madeira (RAM), Açores e Continente – bem como de outros países, incluindo lusófonos. Para a RAM, responderam pessoas apenas da ilha da Madeira. No conjunto dos questionados, houve algumas pessoas não originárias da Região Autónoma da Madeira, mas que, no arquipélago, passaram um tempo não inferior a quatro meses. Portanto, também foram consultadas pessoas originárias de outros países não lusófonos, para avaliar – na medida do possível – se os estrangeiros residentes na Madeira têm contacto

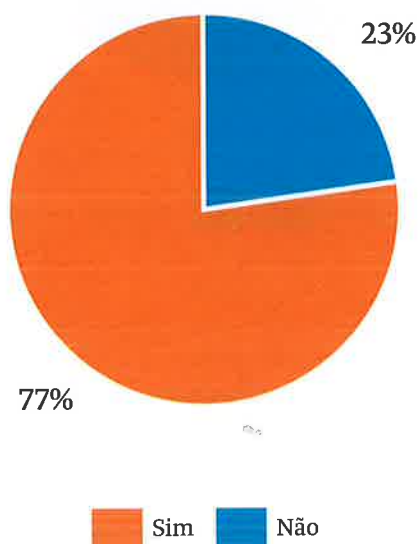
com a tradição em questão. A maioria dos informantes (25 de 35), no entanto, nasceram na RAM.

Relativamente às pessoas questionadas, procurou-se, na medida do possível, balançar, de modo equilibrado, os dados quanto à idade e ao sexo/ género. Em síntese, quanto às faixas etárias, não se conseguiram pessoas abaixo dos 10 anos, nem acima dos 69. Sendo as crianças e os idosos mais difíceis de questionar, estão menos representados na amostra. Procurou-se alcançar equivalência numérica entre homens e mulheres, embora no cômputo total, se contabilizem mais mulheres do que homens (14 homens para 21 mulheres). Em relação à idade e ao sexo/ género da amostra consultada, a proporção de género, foi mais equilibrada. Portanto, as maiores dificuldades foram registadas quanto às idades extremas. A

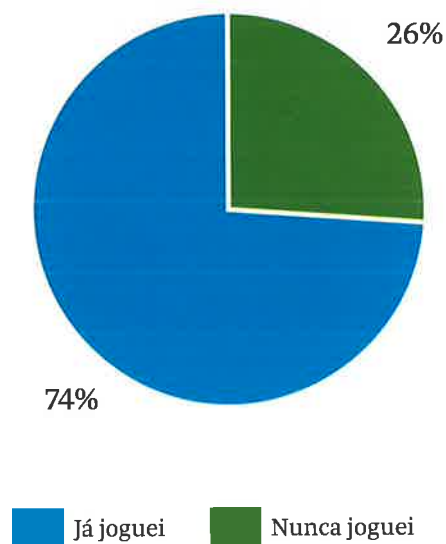
amostra vai da faixa etária dos 10 anos de idade aos 69 anos.

No que se refere aos resultados do questionário, é necessário, em primeiro lugar, lembrar que estes não pretendem afirmar nenhuma certeza, tida como absoluta. Constituem uma leitura parcial por remeterem para uma amostra bastante pequena. Portanto, conscientes dos limites que a investigação qualitativa impõe, representam pistas de leitura cuja finalidade principal é trazer novos dados para uma linha de pesquisa quase inexplorada. O presente levantamento de dados – embora em pequena escala – permitiu, no entanto, delinear algumas interessantes observações. São os primórdios de uma análise mais profunda às respostas das questões de pesquisa listadas anteriormente. A leitura dos dados e as apreciações seguem

Conhece o jogo (mesmo que nunca tenha jogado)?



Já jogou o jogo?



abaixo de acordo com a ordem das cinco questões de pesquisa.

A) HOJE EM DIA, O JOGO DO BALAMENTO E SUAS VARIANTES É CONHECIDO E JOGADO ONDE?

Evidentemente, o primeiro esclarecimento procurado foi a geolocalização da tradição em causa. Mais concretamente, a principal intenção do levantamento era – a salvo das suposições alimentadas pelas fontes relatadas – verificar se o jogo do *balamento*, incluindo as suas possíveis variantes, é, ainda hoje, conhecido na Madeira. Ao mesmo tempo, a consulta de pessoas fora da Região Autónoma da Madeira pretendia identificar outras possíveis áreas de influência da tradição. Para o efeito, foi perguntado aos informantes se conheciam o jogo

– mesmo que apenas pelo nome – e se já o tinham jogado. Dos dados coligidos, é possível observar como a maioria da amostra (27 de 35) conhece o jogo. Destes, 27 pessoas, no entanto, apenas 20 já jogaram.

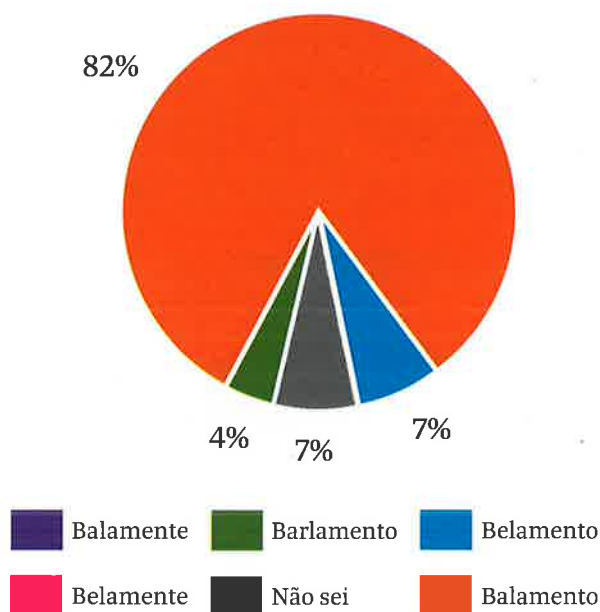
Pelo que respeita a geolocalização da tradição, os dados permitem observar que a Região Autónoma da Madeira se confirma como uma área de influência do jogo. A grande maioria (19 de 25) dos madeirenses consultados, de facto, conhece e já jogou ao *balamento* ou variantes. Poucas (4 de 25) pessoas originárias da RAM conhecem o jogo sem nunca o terem jogado, enquanto apenas 2 madeirenses de 25 não o conhecem de todo.

Por um lado, graças ao testemunho dos informantes portugueses não madeirenses é, no entanto, possível alargar a área de influência da tradição, pelo

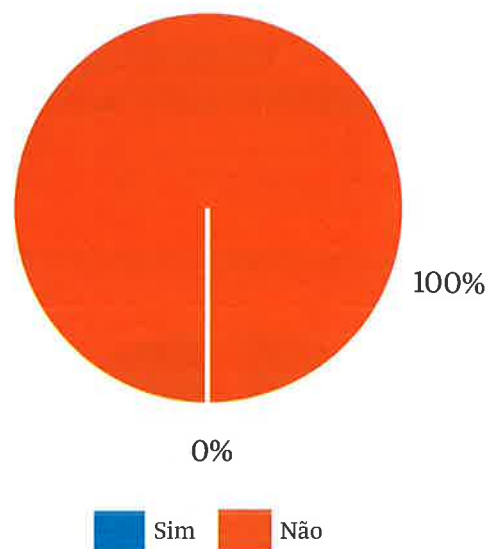
menos, ao resto do território português. Pela experiência do informante açoriano, bem como de um dos dois informantes de Portugal continental, confirma-se a presença do jogo tanto nos Açores – nomeadamente na ilha de São Miguel – como no Continente. É evidentemente que uma amostra mais significativa seria útil para avaliar o real enraizamento da tradição em todo o território português.

Por outro lado, as respostas dos informantes não portugueses sugerem que, até à data, o jogo do *balamento* não chegou ao Brasil, a Moçambique ou a Itália. Dos três informantes brasileiros questionados, apenas um conhece a tradição, tendo ouvido falar dela na Madeira por um açoriano. Circunstâncias idênticas levaram um dos três informantes italianos a conhecer o jogo. Embora nenhum dos dois nunca tenham tomado parte do jogo,

Por que nome se refere ao jogo?



Sabe qual é a origem do termo que dá nome ao jogo?



tal dado sugere que, de uma forma ou de outra, a tradição também é capaz de chegar aos estrangeiros que vivem na Madeira.

B) QUAL É O TERMO PELO QUAL O JOGO É MAIS CONHECIDO?

Através desta pergunta, procurou-se esclarecer – na medida do possível – qual dos muitos nomes do jogo referidos pelas fontes citadas é, de facto, o mais recorrente, bem como assinalar possíveis novas entradas. Dos dados compilados, é possível observar que – entre os informantes que conhecem a tradição – a maioria (22 de 27) refere-se ao jogo como *balamento*. Por esta razão, é a forma que se usa para nomear o jogo no presente estudo.

Duas pessoas usam o termo *belamento*, mas nenhum informante joga ao *belamente*, embora tal denominação seja suportada por várias fontes. Salienta-se, também, o termo *barlamento* – referido por um informante madeirense – como outra variante. No entanto, não foi registada pelas fontes consultadas. Ainda tão singular quanto emblemático, pela grande indefinição que caracteriza a tradição em questão, é o caso de um madeirense que – apesar de conhecer, ter participado e até

ensinado a tradição aos filhos – afirmar não saber oficialmente por que termo se devem referir ao jogo. Por fim, salienta-se o termo *reza* como a palavra que dá nome ao jogo no continente português. Foi indicado por um dos informantes originários de Portugal continental e suportado por algumas fontes posteriormente encontradas *online* (Confraria de Saberes e Sabores da Beira “Grão Vasco,” 2008; Pires Cabral, s.d.). Embora conhecidas por diferentes designações, as tradições do *balamento* e do *reza*, de facto, parecem coincidir nas suas características. Neste respeito, um estudo aprofundado seria útil para determinar se a substituição do termo *balamento*, ou parecidos, pela palavra *reza* se verifica em todo o continente e quais as razões para tal. Ainda, não se pode especular, na ausência de dados, sobre qual das duas versões é efetivamente a original e a mais antiga.

C) SABE QUAL É A ORIGEM DO TERMO QUE DÁ NOME AO JOGO?

Facto bastante singular é revelado pela questão sobre a origem do jogo. Nenhum (0 de 27) dos informantes que conhecem o jogo, mesmo as vinte pessoas que já jogaram, sabe a origem do termo que dá

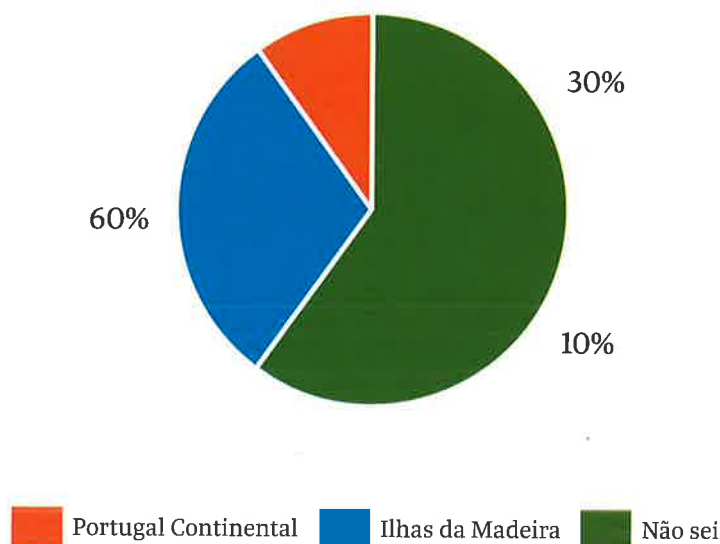
nome à tradição, dando conta mais uma vez da indefinição que a descreve. O facto de as tradições e os bens patrimoniais perderem as referências da origem é algo comum. Isso, por exemplo, ocorre com os nomes das receitas tradicionais, que podem constituir formas patrimoniais, cuja origem se perde no tempo, estando envoltas em anonimato (Rebello, 2016). O Património Cultural Imaterial está envolto em incertezas porque, à partida, remonta a um tempo que não deixou vestígios quanto à autoria e à motivação da criação, o que se atesta com o jogo em estudo.

Saliente-se, no entanto, o contributo de um informante, que, embora afirme não saber a origem, refere também achar que o sentido do termo está “relacionado com a produção da recompensa pelo perdedor”. Desta forma, tal interpretação retoma, consciente ou inconscientemente, a opinião do historiador Alberto Vieira, mencionada *supra*.

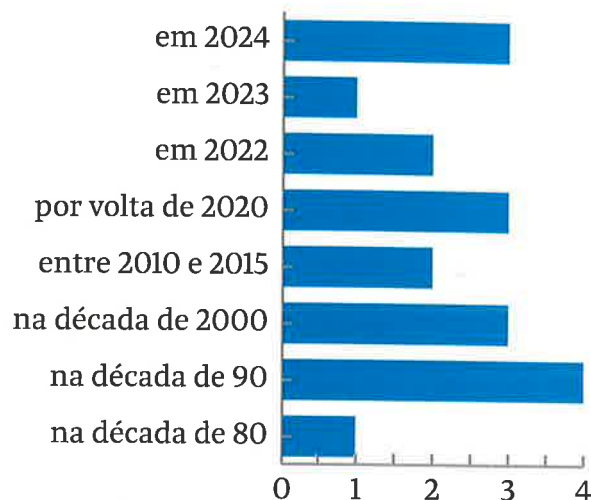
D) ONDE TEVE ORIGEM O JOGO DO BALAMENTO?

Outro tema de incerteza entre os informantes é a origem do jogo. É como para a autoria ou a motivação para a

Acha que o jogo teve origem onde?



Se já jogou, quando foi a última vez?



criação do jogo. Os dados concretos ligados à origem das tradições, do Património Cultural Imaterial, apagam-se com o tempo. A maioria (12 de 27) dos questionados afirma, de facto, não saber.

Apenas seis pessoas, todas madeirenses, referem que o jogo terá tido origem na Região Autónoma da Madeira, enquanto dois madeirenses acreditam que a tradição veio de Portugal continental. Especifica-se, no entanto, que várias (7 de 27) respostas à pergunta acima referida foram consideradas nulas por falta de clareza. Portanto, a maioria assume que não sabe, enquanto um grupo considera a origem local e um conjunto menor de pessoas assume que a origem geográfica do jogo estará no continente português, podendo ser ancestral, vindo com os povoadores. O jogo, embora não seja religioso, tem uma ligação com a religião, já que era jogado durante a Quaresma – um período de abstinência e jejum – até à Páscoa, o dia de Páscoa propriamente dito. Este dia permitia quebrar o jejum e o rigor alimentar quaresmal, sendo os doces e as guloseimas algo que não poderia faltar. Portanto, não custa a crer que a tradição seja bem antiga e possa ter origem continental, embora ganhasse

especificidades madeirenses ou açorianas, já que se comprova que o jogo também existe nos Açores.

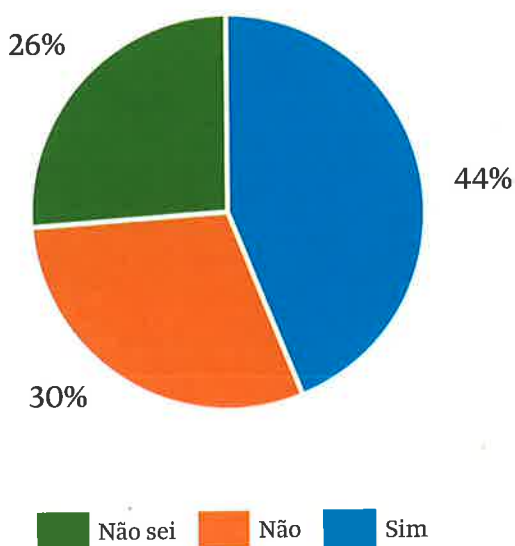
E) O JOGO DO BALAMENTO E SUAS VARIANTES SÃO HABITUAIS HOJE EM DIA?

Face à narrativa bastante generalizada de que o jogo do *balamento* é uma tradição a caminho do abandono, o levantamento visava também verificar o seu vigor no presente. Uma observação do género pode, em primeiro lugar, resultar dos dados relativos ao número de informantes (27 de 35) que conhecem o jogo [Fig. 4], bem como à proporção de pessoas (20 de 35) que o jogaram [Fig. 5]. A este respeito, os dados compilados sugerem que a tradição ainda está bastante difundida, envolvendo interventivamente mais de metade da amostra. É necessário notar, no entanto, que vários dos informantes que afirmaram ter jogado o fizeram no passado e já não o fazem no presente. De facto, das vinte pessoas que já jogaram, apenas três o fizeram em 2024. Poucas outras o fizeram pela última vez recentemente. Mais de metade delas afirma não jogar ao

balamento há pelo menos uma dezena de anos, tendo a maioria tomado parte na tradição, pela última vez, na década de 90 do século XX.

Tal resultado aponta, de facto, para uma possível tendência de abandono progressivo da tradição. No entanto, para ser válida tal conclusão, isso implicaria um estudo quantitativo. Uma observação é necessária pelo que respeita aos processos, eventualmente já em curso, de modernização da tradição do *balamento*. A alteração – verificada em alguns relatos – apresenta-se tanto através do meio pelo qual o jogo decorre como dos efeitos que este produz. Luís de Camões explicou muito bem que a mudança é constante. As comunidades locais ou regionais mudam, influenciadas pela dinâmica mundial da globalização. As seus usos e costumes também se alteram, passando por recriações, como o identificou a UNESCO. Um caso emblemático da deslocação do jogo em canais alternativos é representado pelo testemunho de um informante madeirense que afirma ter jogado ao *balamento* em 2022 com amigos, através da plataforma de mensagens WhatsApp. Tal canalização de práticas tradicionais para os meios digitais é, pois, um processo que

Acha que o jogo é ainda habitual hoje em dia ou não?



se verifica em vários domínios culturais da sociedade moderna, não se limitando aos jogos – ver o caso do xadrez, entre outros, que tende a desmaterializar-se cada vez mais em aplicativos *online*, virando assim de jogo físico e material para videojogo (Tornese, 2022) – mas chegando ao ponto de transformar a abordagem de grandes esferas da prática social, como é o caso, por exemplo, da digitalização da missa (Isetti *et al.*, 2021). No caso da tradição do *balamento*, tal processos de modernização são já conhecidos – com pessoas que combinam o jogo “pelo *WhatsApp*, pelo *Facebook* ou pelo telemóvel” (Martim Santos, 2022). Haveria muito a investigar no que respeita às inferências na manifestação da tradição à distância, sobretudo pelas implicações sociais e culturais associadas.

Outro possível sinal inovador da tradição diz respeito ao prémio do jogo. Embora os dados adquiridos confirmem que na maioria (14 de 20) dos casos os informantes jogaram para ganhar doces tradicionais da Páscoa – especialmente amêndoas confeitadas, como referido pelas fontes anteriormente citadas – estes também revelam recompensas muito diferentes. É, por exemplo, o caso de um informante que, neste ano, desafiou ao *balamento* colegas de trabalho com a pretensão de ganhar “um almoço ou um jantar”. Entre outros relatos, emerge, como prenda oferecida pelo vencido do jogo,

uma *poncha* – bebida alcoólica típica da Região Autónoma da Madeira muito em voga nas festividades e arraiais – bem como “uma rodada de cerveja”. Ainda houve quem jogasse por “um livro”, bem como quem relata que não havia prendas em jogo.

Outra abordagem foi também procurada com a intenção de traçar o estado da arte da tradição. Pretendeu-se delinear o grau de popularidade do jogo hoje, através da opinião dos próprios informantes. Como os dados relatam, o opinião dos questionados resulta em algo contraditório. Embora muitas (12 de 27) das pessoas familiarizadas com o jogo ainda o considerarem habitual, mais de metade delas exprimem uma opinião contrária (8 de 27) ou afirmam que não sabem (7 de 27), expressando implicitamente uma posição de dúvida quanto à popularidade do jogo.

Um dado interessante em relação à opinião sobre a popularidade do jogo entre os informantes também emerge das respostas a uma outra pergunta do questionário que não é considerada aqui neste texto: Acha que são as crianças, os jovens, os adultos ou os idosos que jogam mais no presente? Perante esta questão, se a narrativa que denuncia o processo de abandono da tradição é o reflexo pleno da realidade, seria de esperar que a maioria dos informantes delineasse

os idosos, ou, no máximo, os adultos, como as gerações mais interventivas no jogo. Tal, no entanto, não coincide com as interpretações possíveis a partir dos dados obtidos. Embora a opinião dos questionados indicar os adultos como o maior público participante (10 respostas), apenas 4 pessoas relatam que os idosos são os mais envolvidos no jogo. Pelo contrário, de acordo com a opinião generalizada da amostra consultada, as crianças (7 respostas) e os jovens (9 respostas) surgem como faixas definitivamente incluídas – mais do que o público idoso – na tradição do *balamento*.

Neste caso, tal observação põe em causa a retórica que descreve o abandono do jogo pelas novas gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradição do *balamento*, em suas variantes, é uma dimensão lúdica transmitida essencialmente de forma oral até aos nossos dias. É provável que tal meio de propagação – na ausência de registos escritos – tenha estimulado múltiplos processos de alteração do jogo, possivelmente tão profundos que é muito difícil esclarecer as suas origens: autoria, local de origem ou motivação para a criação. A grande variabilidade de termos e manifestações que o descreve sugere que o jogo se foi adaptando, ao longo do tempo e do espaço, aos condicionalismos sociais e

culturais encontrados. Trata-se de um jogo linguístico, por apenas usar a palavra como forma de divertimento. A palavra dita para surpreender constitui o jogo que se reveste de grande simplicidade.

No sentido de compreender e caracterizar um jogo tradicional como o do *balamento*, várias são as perguntas que se impõem. Como nasceu o jogo? Quando apareceu? Onde foi/ é jogado? Será conhecido no mundo inteiro, havendo variantes? Como é identificado o jogo tradicional, em comunidades locais ou regionais? Por que nome é mais conhecido? Como terá surgido o jogo? Quantos jogadores pode ter? Quais são as suas regras? Que propósito tem? Comporta algum prémio, para quem ganha, ou algum castigo para quem perde? Na impossibilidade de abarcar, neste estudo, todas as interrogações, elaborou-se um curto questionário aplicado, pessoalmente, a um número limitado de informantes. Amavelmente, disponibilizaram-se para responder às perguntas colocadas e a informação recolhida revelou-se substancial, razão pela qual a análise e a quantificação das respostas obtidas é tratada unicamente para cinco perguntas, que são o centro deste estudo. Por conseguinte, no sentido de intensificar a compreensão e a caracterização deste jogo, a opção para recolher dados foi a aplicação de um questionário do qual se

destaca a análise das respostas a cinco perguntas: a) Hoje em dia, o jogo do *balamento* e suas variantes é conhecido e jogado onde? b) Qual é o termo pelo qual o jogo é mais conhecido? c) Sabe qual é a origem do termo que dá nome ao jogo? d) Onde teve origem o jogo do *balamento*? e) O jogo do *balamento* e suas variantes são habituais hoje em dia?

Em primeiro lugar, o levantamento qualitativo apresentado constitui um pequeno contributo para uma linha de pesquisa – a das tradições lúdicas e, especificamente, a que aqui se investiga – muito pouco desenvolvida. Os dados congregados – embora permitam apenas observações não verificadas – permitiram desenvolver algumas hipóteses de interesse para a caracterização e registo do jogo do *balamento* e suas variantes. Foi possível, neste sentido, esboçar uma geografia da tradição, constatando a sua presença na Região Autónoma da Madeira, em Portugal continental – embora com uma designação diferente – e nos Açores.

Em segundo lugar, verificou-se – de acordo com a informação qualitativa registada – que *balamento* é o termo pelo qual o jogo é mais conhecido em território madeirense. No que respeita às questões da origem do termo que dá nome ao jogo, a origem do jogo e a real popularidade da tradição, os dados permitiram apenas delinear algumas observações – por

vezes contraditórias – cujo propósito continua a ser o de impulsionar o seu aprofundamento.

Em síntese, num mundo em constante mudança, em que se procura a sua sustentabilidade, mesmo com consumos elevados de energia pelos desenvolvimentos tecnológicos, um jogo verbal, extremamente simples, como o *balamente*, e suas variantes, ainda tem lugar no seio das pequenas comunidades locais, nas famílias ou nos grupos de amigos. A preservação da tradição do jogo, assim como do modo como se designa, o que interessou particularmente neste estudo, dependerá dos indivíduos. Se deixar de ser jogado, perder-se-á completamente, ficando apenas os registos que dele houver. Nesse caso, este estudo contribuirá para a sua memória. Continuando a ser jogado, física ou digitalmente, será conservado, mas passará por mudanças e recriações. Portanto, a variação linguística acompanhará o fenómeno, já presente hoje na variação existente no nome do jogo, como o evidenciam as formas fonéticas ou lexicais: *Balamento!*/ *Balamente!*/ *Belamento!*/ *Belamente!*/ *Reza!*

AGRADECIMENTO

Agradece-se a todos os que, gentilmente, participaram no inquérito e partilharam a sua experiência pessoal, bem como aos que impulsionaram a breve investigação. Aqui fica expresso um agradecimento especial à Rubina e ao Fábio pela grande disponibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baptista, Artur Jorge (2024). Balamento. *Journal Da Madeira*.
https://www.jm-Madeira.Pt/Opiniao_Cronicas/Balamento-HJ15580979, consultado em 14-07-2024.
- Barcelos, J. M. Soares de. (2008). *Dicionário de Falares dos Açores. Vocabulário Regional de Todas as ilhas*. Coimbra: Almedina.
- Caldeira, Abel Marques. ([1993/1961] 1993). *Falares da ilha. Dicionário da Linguagem Popular Madeirense* (2ª edição). Funchal: Eco do Funchal.
- Casa do Povo da Calheta. (2012). *Jogos Tradicionais da Páscoa*. Casa Do Povo Da Calheta.
<https://casadopovocalheta.com/jogos-tradicionais/>, consultado em 14-07-2024.
- Confraria de Saberes e Sabores da Beira "Grão Vasco." (2008). *O Jogo da Reza*. Confraria de Saberes e Sabores Da Beira "Grão Vasco." <https://www.confrariagraovasco.com/o-jogo-da-reza/>, consultado em 14-07-2024.
- Dicionário Priberam. (s.d.). Balamento. In *Dicionário Priberam*. <https://dicionario.priberam.org/balamento>, consultado em 14-07-2024.
- Guedes, Maria da Graça Sousa (1984). *Estudos e Investigação: Jogos Tradicionais Portugueses*, consultado em 14-07-2024.
- Guedes, Maria da Graça Ribeiro de Sousa (1965). *Jogos tradicionais portugueses: o seu interesse pedagógico em educação física*. Dissertação Final. INEF, Lisboa., <http://hdl.handle.net/10400.5/8772>, consultado em 14-07-2024.
- Isetti, Giulia, de Rachewiltz, Michael, Walder, Maximilian, Pechlaner, Harald, & Weithaler, Anna (2021). // *Dio Virtuale: La Chiesa ai tempi del (post) Covid-19*. Eurac Research.
<https://webassets.eurac.edu/31538/1623765738-digitalreligion.pdf>, consultado em 14-07-2024.
- Jardim, Ricardo França (1996). *Arsénico e rendas velhas*, Matosinhos, Contemporânea Jornal "Público".
- Dias, Gonçalo & Mendes, Rui (2010). "Jogos tradicionais portugueses – retrospectiva e tendências futuras", *exedra*, n.º 3, consultado em 14-07-2024,
https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/46707/1/04A-Goncalo-dias_Rui-Mendes_pp_51-58.pdf
- Langenscheidt. (s.d.). Plärren. In *Langenscheidt German-Portuguese Dictionary*.
<https://it.langenscheidt.com/tedesco-portoghese/plaerren#sense-1.1.1>, consultado em 14-07-2024.
- Macedo, Deolinda Bela de (1939). *Subsídios para o estudo do dialecto madeirense*, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, texto policopiado.
- Marote, Rui (2022). Balamento ou belamente...Jogo da Páscoa. *Funchal Notícias*.
<https://funchalnoticias.net/2022/04/05/balamento-ou-belamente-jogo-da-pascoa/>, consultado em 14-07-2024.
- Martim Santos (Director). (2022, March 28). RTP Madeira (61). In *Madeira Viva*.
<https://www.rtp.pt/play/p9644/e607463/madeira-viva-2022/1027892>, consultado em 14-07-2024.
- Mata, Lília (2004-) <https://o-rabo-do-gato.blogspot.com/2004/08/no-lhe-cabe-um-feijo.html>, consultado em 14-07-2024.

HERITAGE
IDIOMATIC VARIATION
LINGUISTIC
MADEIRA ISLAND
TRADICIONAL GAMES

Linguistic heritage manifests itself in various ways within a community of speakers. For instance, the names of traditional games are heritage forms that are culturally and linguistically perpetuated as they are passed down from generation to generation. These forms vary through use resulting in recreated and modified forms. The aim of this study is to understand the tradition of the game "Balamento" (Balamente/ Belamento/ Belamente), currently still present in the archipelago's community, also known in mainland Portugal as "Reza".

- Meu Dicionário.Org. (s.d.). Balamento. In *Meu Dicionário.Org*. <https://www.meudicionario.org/balamento>, consultado em 14-07-2024.
- Pacheco, Helder (1987). *Rosto de Gente*, Lisboa, Caminho.
- Pestana, Eduardo Antonino (1970). *Ilha da Madeira II: Estudos Madeirenses*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- Pires Cabral, António Manuel (s.d.). O jogo da Reza: Tradições da Quaresma. *Calenários.Info*. <https://www.calendarios.info/jogo-reza-tradicoes-quaresma/#gsc.tab=0>, consultado em 14-07-2024.
- Porto Editora. (s.d.). Balamento. In *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa*. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-ao/balamento>, consultado em 14-07-2024.
- Rebelo, Helena (2016). "Os Nomes das Receitas: um Património Linguístico Regional, Nacional ou Internacional? Uma Análise Lexical", in *Patrimónios Alimentares de Aquém e Além-Mar*, Pinheiro, Joaquim e Soares, Carmen, (ed. lit.), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Annablume, pp. 283-312. <http://hdl.handle.net/10400.13/1683>, consultado em 14-07-2024.
- Rebelo, Helena (2017) "Do Mirandês ao Madeirense: A Génese das Escritas Fonéticas" in *Ecolinguismo e Línguas Minoritárias* de Alberto Gómez Bautista, Lurdes de Castro Moutinho e Rosa Lídia Coimbra (coordenação), Aveiro: UA Editora, pp. 59-95, <http://ria.ua.pt/handle/10773/17060> e <http://cllc.web.ua.pt/vl/pt-pt/node/12>
- Rocha, Luís (2018). Costumes e tradições que o tempo apagou... *Funchal Notícias*. <https://funchalnoticias.net/2018/11/01/costumes-e-tradicoes-que-o-tempo-apagou/>, consultado em 14-07-2024.
- Silva, Fernando Augusto da (1950). *Vocabulário Popular da Madeira*. Funchal: Junta Geral do Funchal.
- Somos Madeira. (n.d.). Jogo do Balamento. *Somos Madeira*. <http://www.somosmadeira.com/2015/07/jogo-do-balamento.html?m=1>, consultado em 14-07-2024.
- Sousa, Luís de (1950). *Dizeres da ilha da Madeira: Palavras e locuções*. Funchal: Casa Figueira, ed. A.
- Terra-Boa, João Carlos (n.d.). *Sabia que, na Páscoa, se jogava ao balamento?* *Cultura Madeira*. <https://cultura.madeira.gov.pt/sabias-que-1/249-sabia-que,-na-p%oC3%AAscoa,-se-jogava-ao-balamento.html>, consultado em 14-07-2024.
- Tornese, Andrea (2022). Come gli scacchi online hanno conquistato il mondo. *Silicon Arcadia*. <https://siliconarcadia.substack.com/p/come-gli-scacchi-online-hanno-conquistato>, consultado em 14-07-2024.
- Vasconcelos, José Leite de *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos*, <http://teitok.clul.ul.pt/dra/>, consultado em 14-07-2024.
- Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de (1798) *Elucidário das Palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, 2.ª ed. revista, Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865. www.purl.pt

Alessio Lacché

Mestrando em Estudos Regionais e Locais (UMa)

- ✶ Erasmus Mundus Joint Master on Climate Change and Diversity Sustainable Territorial Development (CCD-STeDe)

Helena Rebelo

<http://orcid.org/0000-0002-8345-9436>

Universidade da Madeira (FAH-DLLC e CIERL)

Responsável pelo Mestrado em Estudos Regionais e Locais

Coordenadora Local do CCD-STeDe

CLLC da Universidade de Aveiro